

ARTIGO ORIGINAL: Acesso aberto

A Violência por Parceiro Íntimo (VPI) como epidemia e seu enfrentamento e prevenção nos relacionamentos entre jovens por meio da Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória (OTCE)

Autora: Elisa Maria Curci Grec Huertas¹

¹Doutoranda em Saúde Baseada em Evidências pela Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Mestre em Comunicação de Interesse Público pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) - elisagrec@gmail.com

Resumo

A violência por parceiro íntimo é uma realidade nos relacionamentos e um problema na sociedade. Considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como epidemia, está nos incluída na Agenda 30 da ONU no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 – Igualdade de Gênero – como meta a ser erradicada pois causa para além do dano à pessoa que a sofre outros imensuráveis à sociedade como um todo. A OMS preconiza que qualquer epidemia deve ser enfrentada precocemente, antes que o problema se instale. Assim, apresentam-se aqui os resultados do uso da Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória como ferramenta de intervenção junto a jovens como forma de reflexão acerca da violência nos relacionamentos para enfrentamento da violência e prevenção.

Abstract

Intimate partner violence (IPV) is a reality in relationships and a problem in society. Considered by the World Health Organization (WHO) as an epidemic to be eradicated and included as a goal in UN Sustainable Development Goal 5 - Gender Equality. In addition to harm to the person who suffers it causes immeasurable damage to the society as a whole. The WHO recommends that epidemics must be tackled early, before the problem sets in. To reach this goal an intervention using Critical-Emancipatory Workshop with young people was used as a way of reflecting on violence in relationships to face violence and prevent it. The results show that the way like young people understands gender stereotypes cause violence, but when they are invited to reflect about that is possible to change the way they see relationships in an effort to prevent IPV.

Palavras-chave

Violência por parceiro íntimo; Violência de gênero; Gênero; Epidemiologia crítica; Epidemia

Keywords

Intimate partner violence; Gender violence; Gender; Epidemiology; Epidemic

Introdução

A violência por parceiro íntimo (VPI) é uma realidade apontada por diversas pesquisas ao redor do mundo e reconhecida pela OMS, contando, no Brasil, com legislação específica para enfrentamento, a Lei Maria da Penha¹.

Trata-se de problema global que afeta uma parcela considerável da população e não se pode deixar de analisar o problema a partir da perspectiva de gênero, uma vez que ele tem origem nas relações desiguais estabelecidas entre homens e mulheres e sua existência é moralmente aceita².

A OMS reconhece a violência como epidemia mundial e violação dos direitos humanos fundamentais. Sua existência e prevalência prejudicam o desenvolvimento físico, psicológico, sexual, reprodutivo, social e profissional e trazem consequências profundas na saúde e bem-estar das pessoas, famílias e comunidades. A OMS, bem como o Ministério da Saúde, no Brasil, considera que este é um problema de saúde pública desvalorizado e mal compreendido².

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são resultado de um movimento de ação global realizado em 2015 em que a ONU, juntamente com os países integrantes, trabalhou para estabelecer uma agenda de desenvolvimento para o mundo³.

Foram identificados os problemas que impedem o desenvolvimento das nações e desenvolvida uma agenda de ações para resolvê-los, de forma a garantir a igualdade entre os povos do mundo e das pessoas nos países para que a fome, a desigualdade, o acesso à água potável, ao trabalho digno, à educação, saneamento e saúde sejam alcançados até 2030³.

O ODS 5 contempla a Igualdade de Gênero e o objetivo é “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”³. Para assegurar o alcance desse objetivo foram detalhadas metas que devem ser cumpridas até o ano de 2030.

No que concerne ao trabalho desenvolvido e que este artigo é parte entende-se que ele converge para alcançar essas metas:

A meta 5.1, que visa a acabar com toda e qualquer forma de discriminação, pode ser alcançada quando se trabalha a VPI na juventude, causada por estereótipos de gênero, uma vez que que levam à discriminação e violência contra as meninas³.

A meta 5.2 trata da violência contra meninas e mulheres na esfera pública e privada. Pretende-se aqui prevenir a violência na esfera privada e dar visibilidade na esfera pública³.

Na meta 5.3 pretende-se eliminar práticas nocivas como o casamento prematuro ou forçado, o que acontece na realidade

brasileira devido aos mesmos estereótipos que naturalizam o papel da mulher como esposa e mãe, o que limita sua autonomia e seu poder de escolha, deixando as meninas vulneráveis à violência³.

A meta 5.4 trata do trabalho doméstico e da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, cuja divisão é pautada pelos estereótipos de gênero e acarretam a violência de gênero, uma vez que é garantido ao homem o direito de continuar trabalhando e exercendo suas atividades normalmente, enquanto é exigido das mulheres que se dediquem exclusivamente aos filhos e ao trabalho doméstico, e quando as mulheres exercem atividade remunerada fora de casa, continuam sendo elas as responsáveis pelos cuidados com o lar, implicando em jornada dupla e algumas vezes tripla, sobrecarregando-as.

A meta 5.6 prevê o acesso de todas as meninas e mulheres à saúde sexual e reprodutiva, com vista ao exercício de seu direito de escolha no que diz respeito à sexualidade e à escolha de quando e se deseja ser mãe³.

Esse direito só pode ser garantido se a oferta aos serviços de saúde pública for universal, as meninas tenham conhecimento sobre como exercer sua vontade na vida sexual e os meninos respeitem e participem também do planejamento familiar e da escolha e utilização dos métodos contraceptivos.

Métodos

Para o objetivo proposto foi realizada Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória (OTCE).

A OTCE visa à educação crítico-emancipatória por meio da problematização dos seres humanos a partir de sua relação com

o mundo e são caracterizadas por um ambiente descontraído, facilitado por práticas pedagógicas incentivadoras e participativas e pela relação horizontal de poder entre as/os participantes e a coordenação⁴.

O uso da OTCE visa a articular a subjetividade, a racionalidade, a experiência pessoal e a produção do conhecimento, é um espaço de construção coletiva e seu produto pode ser apropriado pelas/os próprias/os participantes, que conseguem visualizar o conteúdo e a qualidade de sua participação, ao contrário de serem meros sujeitos no processo de construção do conhecimento⁴.

É um método eficaz para os propósitos desta pesquisa pois a experiência do uso das oficinas para a abordagem da violência por parceiro íntimo entre adolescentes por parte dos profissionais da saúde tem resultados positivos⁵.

A OTCE está fundamentada na educação crítico-emancipatória que destaca a problematização da realidade a partir da relação dos seres humanos com o mundo e considera ainda como pressupostos teórico-metodológicos:

- O uso das emoções como construtoras do conhecimento;
- a ideia de empoderamento;
- a abordagem dialética do movimento da consciência;
- a participação;
- a responsabilidade compartilhada⁴.

A oficina foi realizada em duas sessões no segundo semestre de 2019 no Colégio Universitário USCS, em São Caetano do Sul, com os alunos dos 1os 2os e 3os anos do

Ensino Médio. O local foi escolhido devido à facilidade de acesso da pesquisadora à escola, que é parte integrante da Instituição, sede do presente estudo.

Todos os alunos foram convidados pessoalmente pela pesquisadora responsável, por meio de visita às salas de aula. Os alunos foram informados sobre os objetivos, horários e datas e sala em que seriam realizadas as sessões da oficina. Os contatos para inscrição foram entregues e foi distribuída uma ficha de interesse em que os alunos informavam nome, turma e telefone. Em seguida foram feitos grupos no WhatsApp, por sala, para comunicação entre os alunos e a pesquisadora. As/os participantes foram todos os que manifestaram interesse e autorizados pelos pais, não havendo nenhum critério de exclusão dentro da amostra selecionada.

Foi elaborado um planejamento de atividades para cada uma das sessões da oficina.

As pesquisadoras contavam inicialmente com um número maior de participantes que contemplariam duas turmas, no entanto, apenas 12 alunos inscreveram-se e foi realizada apenas uma turma, em duas sessões. Na segunda sessão apenas sete dos 12 alunos compareceram.

A equipe de pesquisadoras preparou a sala de realização da oficina e, de modo a deixar o ambiente descontraído e acolhedor, ofereceu um café aos alunos em ambas as datas. As sessões da oficina foram gravadas em áudio e vídeo e uma pessoa realizou observação não participante, com anotações em um caderno de campo. O áudio, posteriormente, foi transcrito na íntegra para análise, que

considerou também aspectos revelados nas imagens e anotações da observação.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi entregue aos maiores de idade para ser assinado pelos pais dos menores antes da primeira oficina. O Termo de Assentimento foi entregue aos menores para ser preenchido e assinado antes da oficina.

Os termos foram recolhidos na data de realização da primeira oficina. A oficina foi realizada com o mesmo grupo em dois dias diferentes, com duração de três horas cada encontro. No primeiro compareceram 12 alunos, sendo quatro meninos e oito meninas. No segundo, algumas/ns participantes não vieram, de forma que participaram sete alunos, sendo seis meninas e um menino.

Após a entrega dos termos foram explicadas as etapas da oficina, bem como seus objetivos, riscos e informações sobre a participação, incluindo a liberdade de deixar a atividade quando desejassem, reforçando os aspectos éticos mencionados nos termos de consentimento assinados. As/os participantes preencheram ainda seu nome em um crachá. Participaram da oficina como facilitadoras/coordenadoras a autora desta dissertação, a professora orientadora e, na observação não participante, uma bolsista de Iniciação Científica vinculada ao projeto. No segundo encontro a oficina contou com a participação de uma atriz para orientar nas atividades que envolviam dramatização.

O desenvolvimento de cada etapa da OTCE foi planejado a partir de estratégias lúdicas que, além de favorecer a implementação dos seus pressupostos, permitiram avaliar quais

possibilitaram maior envolvimento, reflexão e participação.

A seguir será apresentado o percurso de desenvolvimento da Sessão 1.

As/os participantes escreveram em um papel três características sobre si que consideravam marcantes. Os papéis foram recolhidos, misturados e distribuídos novamente, garantindo-se que ninguém pegasse seu próprio. Cada participante leu as características do papel que estava em mãos e todas/os deviam tentar adivinhar quem era a pessoa correspondente àquelas características.

A segunda atividade realizada foi “Namorar dá o que falar”, como momento de Reflexão Individual. Foram colocados três quadrados grandes no chão da sala e em cada um estava escrita uma palavra: Concordo, Não Sei e Discordo. Havia um saco com recortes de papel, nos quais estavam escritas afirmações sobre namoro e relacionamento. Os recortes eram sorteados e à medida em que eram lidos, cada participante deveria se dirigir a um dos quadrados conforme o que acreditava.

As frases sorteadas foram: “Posso contar o que faço com minha namorada/namorado aos meus amigos”; “Se uma garota se oferecer pro meu namorado tenho o direito de insultá-la publicamente?”; “Se meu namorado me pedir para ter relações sexuais com ele, devo aceitar para provar o meu amor.”; “Os meninos não mostram sentimentos.”; “Meu namorado é só meu/ Minha namorada é só minha.”; “Se eu tiver namorada não posso ser muito amigo de outras garotas.”; “Quem tem muito ciúmes ama muito”; “Tenho o direito de ver as mensagens do celular do meu namorado/da minha

namorada”; “Os namorados as vezes gritam, mas isso é normal”; “Se o meu namorado tiver ciúmes dos meus amigos eu devo evitá-los”; “Não deixo minha namorada usar decote ou saia curta para protegê-la do olhar dos outros.” A cada pergunta as/os participantes dividiam-se nos quadrados relativos ao que entendiam sobre o assunto. Em seguida, era proposta uma discussão sobre a afirmação e as/os participantes que estavam no grupo Discordo deveriam convencer os demais a irem para o seu quadrado e vice-versa.

A terceira atividade realizada no primeiro encontro foi a Reflexão Coletiva, por meio de uma roda de conversa em que cada participante, se desejasse, pôde relatar episódios relacionados aos temas levantados na dinâmica anterior, tendo sido vivenciado ou tomado conhecimento da vivência por pessoas próximas. Os relatos foram feitos em uma roda de conversa em que as/os participantes debateram os temas levantados e compartilharam experiências e opiniões.

Por fim, foi realizada Síntese do que foi discutido, articulando a realidade problematizada ao longo das atividades desenvolvidas na oficina com o referencial teórico sobre violência no namoro que norteia o presente estudo, em uma linguagem clara e acessível.

As síntese conta “não só com os posicionamentos e com as representações, mas também com novos conhecimentos, introduzidos pela coordenação ou por especialista”⁴.

Nesta primeira sessão foi realizada a atividade de Avaliação “O que levo na mala hoje?”, em que as/os participantes escreveram em papéis coloridos expressões que definissem a oficina

e seus sentimentos em relação ao que foi discutido naquela tarde. Todos os papéis foram colados em uma grande mala de papelão confeccionada para a oficina.

Durante todo o encontro, as mediadoras foram fazendo apontamentos no sentido de levar as/os participantes a articular suas subjetividades, experiências pessoais e a racionalidade, com o intuito de produzir conhecimento a partir de duas próprias reflexões sobre a realidade.

O segundo encontro foi realizado com todas/os as/os participantes que desejaram comparecer, contanto que tivessem participado da primeira etapa. Compareceram sete pessoas, sendo um menino e seis meninas.

Na primeira atividade, Aquecimento, foi realizada uma dinâmica com foco no trabalho corporal, de modo a “quebrar o gelo” e integrar as/os participantes, que na primeira oficina demonstraram um pouco de timidez durante.

A segunda atividade, que objetivou à Reflexão Individual acerca das concepções sobre gênero, consistiu na dinâmica O Extraterrestre. O objetivo foi analisar o modo como os papéis sociais tradicionalmente atribuídos a mulheres e a homens estão presentes nas percepções individuais.

Nessa atividade, as/os participantes foram convidados a refletir, primeiro individualmente, sobre uma maneira de explicar para um grupo de extraterrestres que acabaram de pousar na terra, o que é um homem e o que é uma mulher. Em seguida, dividiram-se em dois grupos, de livre escolha, e debateram sobre as melhores maneiras de explicar as diferenças que deveriam de representadas por desenhos em cartazes. Os grupos desenharam suas

representações e explanaram coletivamente sobre elas. Um grupo, composto por quatro participantes, um deles menino, explicou o que é ser homem e o outro grupo composto por três meninas explicou o que é ser mulher.

Após a Reflexão Individual cada grupo coletivizou a experiência, apresentando a sua produção e explicando aos demais participantes os seus significados. À medida em que apresentavam, foi mobilizado um debate entre os grupos sobre os temas levantados nas representações, de modo que, coletivamente, as/os participantes problematizaram os significados relacionados ao feminino e masculino em nossa sociedade.

Na terceira atividade realizada, também proposta para Reflexão Individual, as/os participantes, em duplas, foram convidados a interpretar situações de VPI. Foram sorteadas situações desenvolvidas previamente pelas pesquisadoras e as/os participantes encenaram essas situações de violência.

Após essa atividade foi feita a Reflexão Coletiva, por meio de Roda de Conversa sobre as duas outras desenvolvidas naquela tarde. As/os participantes ficaram livres para contar suas experiências sobre os temas encenados, remetendo-se a situações que testemunharam ou souberam, ouviram alguém contar, e falaram sobre isso e articularam essas experiências e reflexões às representações e discussões desenvolvidas na primeira atividade (O extraterrestre).

Por fim, foi feita a Síntese da Sessão 2, pelas coordenadoras, que encerraram a atividade. Como Avaliação dessa sessão, as/os participantes escolheram um objeto dentre vários disponíveis em uma caixa e fizeram

uma relação do significado do objeto e a experiência vivenciada na oficina.

A oficina foi gravada, suas etapas transcritas e os temas analisados e categorizados⁶ por meio de análise de conteúdo temática. A Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória é um espaço de construção coletiva grupal, cujo produto pode ser apropriado pelos participantes, posto que retrata a contribuição de cada um no conteúdo e na qualidade da sua participação.

Resultados e discussão

A violência de gênero é um conceito amplo que abrange vários tipos de violência perpetrada contra vítimas como mulheres, crianças, adolescentes de ambos os sexos, na maioria das vezes por homens, em razão do exercício da função patriarcal, em que os homens detêm o poder de determinar a conduta social mesmo que por meio da violência ou força⁷.

Durante a realização da OTCE a violência de gênero se apresentou nas falas tanto dos meninos quanto das meninas. Apesar de diferir em relação ao tipo de violência praticada, os dados empíricos coletados coadunam com a literatura no que diz respeito aos comportamentos violentos no namoro.

A VPI nas relações de intimidade é fenômeno conhecido e tem sido investigado devido ao alto índice de ocorrência e refere-se à violência exercida por parceiro íntimo (frequentemente do sexo masculino) e que cause prejuízo e/ou sofrimento físico, psicológico ou sexual nas mulheres. A VPI pode ser exercida pelo namorado, companheiro, ex-marido, ex-companheiro ou outro homem que mantenha ou tenha tido uma relação de intimidade, e neste caso, até mesmo por um “ficante”.

Resultados de vários estudos em diversos lugares do mundo indicam que globalmente 30% das mulheres que tiveram uma relação de intimidade foram vítimas de violência física

e/ou sexual, sendo que em determinadas regiões do mundo essa porcentagem chega a 38%².

A OTCE foi realizada em dois diferentes encontros, sendo que no primeiro encontro compareceram 12 participantes, quatro deles meninos. O segundo encontro contou com apenas sete participantes, dentre os quais apenas um menino. Dentre os cinco desistentes entre os dois encontros três foram meninos e apenas uma foi menina.

No primeiro encontro os meninos quase não falaram. As meninas protagonizaram as discussões e algumas delas apresentaram um discurso pautado no feminismo e pensado no sentido de não reproduzir as concepções de gênero presentes no senso comum.

Muitas podem ser as razões pelas quais alguns participantes não compareceram à segunda oficina. Porém, a partir das falas e da participação das meninas, pode-se verificar que a temática despertou muito mais o interesse das meninas, que levantaram temas e contaram experiências próprias e testemunhadas com amigas, revelando o problema como inerente à realidade que vitimiza, sobremaneira, as mulheres.

Os meninos participantes deste estudo não demonstraram tanta afinidade com a temática, seja por timidez, uma vez que discutir sobre

relacionamentos é concebido culturalmente como um comportamento feminino, seja pelo fato de o problema não estar em evidência entre os eles, não sendo pauta de discussão em suas vivências cotidianas.

Estudo⁸ aponta que os meninos, quando vivenciam uma situação de violência no namoro não entendem como violência propriamente, mas naturalizam como parte da relação. Eles, ainda, não entendem os depoimentos sobre a violência de gênero que as meninas declaram como comportamentos violentos, mas também como parte da relação ou como um comportamento padrão masculino, pautado no entendimento de cuidado, em que o ciúme é sinônimo de preocupação com a parceira e é esperado socialmente.

Esse entendimento converge com os achados do presente estudo, conforme pode ser observado no depoimento a seguir, em que a participante testemunhou um relacionamento em que o ciúme era constante e naturalizado pelos dois parceiros

Ele é bem possessivo e eu vejo que isso faz mal pra ela, mas acaba que ela também é muito possessiva, parece uma competição de quem controla mais e isso acaba fazendo mal para os dois, todo mundo fala sobre isso, só ele não nota que isso acaba fazendo mal pra todo mundo [F2].

A participante F1, no entanto, ao relatar sua experiência, apresentou uma noção crítica desses comportamentos. O comportamento controlador mistura-se ao ciúme em seu relato.

A gente namorou 4 anos e sempre foi assim, até o dia que eu cheguei e falei chega e acabei de vez. Ele se arrependeu e falou que estava fazendo tudo errado. Só se arrepende quando perde. Eu sou o tipo de pessoa que estou usando sutiã agora, porque essa blusa é um pouco transparente, mas eu odeio usar sutiã, vivo sem e pra ele isso era o cúmulo, porque isso iria marcar o meu peito e os meninos iriam ver, e com ele eu sempre usava por causa disso. Quando terminei, nunca mais usei, só às vezes, e depois disso quando ele me viu na rua perguntou por que eu estava sem sutiã e respondi: porque eu quero [F1].

Na fala verifica-se que durante o relacionamento o controle era exercido até mesmo no uso de uma peça de roupa. Esse pensamento tem relação com o controle e a posse sobre o corpo das mulheres, historicamente concebido como propriedade masculina.

Os significados que emergem do relato aproximam-se da concepção de gênero que compreende ciúmes e controle como cuidado. Essa concepção legítima que, mesmo após o término do relacionamento, o homem continue

sendo responsável pela mulher e tendo o direito de dizer a ela o que supostamente seria melhor. Achados⁸ confirmam o entendimento das/os participantes do presente estudo em pesquisa realizada sobre o ciúme com jovens brasileiros. As/os participantes compreendem, na pesquisa citada, que os maridos eram mais amorosos caso agredissem as esposas por ciúmes, pois compreendiam o ciúme como manifestação de amor.

A mesma participante relata que

ele falou que estava marcando e que dava para ver que eu tinha peitos, eu falei: “que bom que eu tenho peitos, imagina se eu não tivesse”. E tipo era muito nessa de um ciúmes que ele falava que eu não poderia sair de tal jeito, porque era muito bonita e as meninas ficariam me olhando e eu falava que de qualquer jeito mexeriam, porque só pelo fato de você ser mulher o homem já mexe. Você pode estar com uma aliança no dedo que eles vão olhar e vão mexer, não vão respeitar do mesmo jeito. Ficou por isso por muito tempo, que ele achava que por eu me vestir assim ou daquele jeito os caras iriam me olhar e eu falava que olhavam de qualquer jeito. [Ele queria que] quando eu estivesse com ele era para usar um shortinho e decote, agora sem ele eu poderia me vestir do jeito que eu gosto, porque ele falava que era calor, que todos estavam de shorts e blusinha, e você aí de calça e blusa. Eu falava que eu não gostava de usar shorts, e ele ficava nessa de que era tão bonito [mas só quando estava com ele] [F1].

O relato também expressa a posse masculina do seu corpo, quando ela reconhece a recomendação por parte do namorado de expor seu corpo com roupas curtas quando estivesse com ele pois assim ele poderia exibí-la, mas estaria por perto para controlá-la.

O comportamento descrito remonta ao padrão do controle masculino sobre o corpo feminino. É um padrão tão incorporado ao imaginário coletivo que implica em dois entendimentos: que uma vez que a mulher está usando uma roupa curta ou justa seu corpo está disponível para qualquer homem que quiser olhar e justifica alguma violência e, ainda, que uma vez que a mulher tem um namorado ela tem um homem que já possui aquele corpo, logo não pode se vestir de forma que dê a entender

que está disponível para outros homens.

Bourdieu⁹ explica esse fenômeno a partir da concepção de violência simbólica. Para ele a dominação masculina é óbvia, não precisa de justificativa, a visão androcêntrica impõe-se de forma que não é questionada, não se faz necessário enunciá-la pois é legitimada. A máquina simbólica que legitima essa hierarquia está fundamentada na divisão social do trabalho, que atribui a cada um dos sexos papéis definidos e não questionados.

A violência simbólica institui-se nesse cenário porque o dominado concede permissão ao dominador para exercer esse papel, e a violência é aceita em decorrência da naturalização da dominação⁹.

Um dos fatores que justifica a violência é o ciúme, conforme demonstrado em pesquisa⁸ em que metade da amostra era de mulheres e estas consideraram que a violência por parte do marido contra a mulher não era admissível, exceto em decorrência do ciúme.

Apesquisa demonstra que a violência simbólica resultante da dominação masculina está tão impregnada na sociedade que até mesmo a parte que sofre com ela a reproduz.

O “normal masculino” é prática decorrente da cultura androcêntrica. Nesse contexto, a predominância da cultura da violência contra a mulher é consequência de ato corretivo

praticado pelo homem, que entende a violência como função disciplinar de que se investem em nome de um poder e de uma lei que julgam encarnar, pois as atitudes de suas mulheres, namoradas e filhas então distantes do comportamento ideal que precisam resguardar¹⁰.

Da mesma forma que não se pode falar em homem feminista, não se pode falar em mulheres machistas, mas apenas mulheres que reproduzem o machismo. O fenômeno é consequência da máquina cultural que institui a violência simbólica⁹ que só é possível

por meio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominador (logo, à dominação), uma vez que ele não dispõe para pensá-lo ou pensar a si próprio, ou melhor, para pensar sua relação com ele, senão de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo senão a forma incorporada da relação de dominação, mostram esta relação como natural; ou, em outros termos, que os esquemas que ele mobiliza para se perceber e se avaliar ou para perceber e avaliar o dominador são o produto da incorporação de classificações, assim naturalizadas, das quais seu ser social é o produto (p. 41).

Ainda sobre a posse e controle masculino sobre as mulheres, as participantes relatam que o respeito não é regra quando uma menina está em um espaço público, exceto se estiver acompanhada por um parceiro, o que denota o respeito entre os homens, mas não às mulheres.

Já vi gente falando que vai em festa e ou dá desculpa que namora com a amiga, ou você está na balada com o seu namorado e o namorado sai o cara dá em cima de você. Aí o namorado chega, e ele não pede desculpas pra você, ele pede desculpas pro namorado [F3].

Eu estava numa festa com o meu ex-namorado e ele foi pegar um negócio pra gente beber e eu fiquei lá com a minha amiga e chegaram dois meninos, um dando em cima da minha amiga e um dando em cima de mim. Eu falei “não, eu namoro” e ele disse “ah, então cadê seu namorado?”. Aí meu namorado voltou e ele começou a pedir desculpas pro meu namorado como se eu fosse uma propriedade dele [F2].

O participante M1 também relata um episódio de violência de gênero, mas vivenciado pela namorada.

Mas tem muitas situações desse tipo que o cara respeita não a mina, o cara da mina, eu sempre me encontrava com a minha ex no caminho entre minha casa e a dela e depois ou ela na minha casa ou eu ia na casa dela. Uma vez nós estávamos quase nos encontrando e eu comecei a escutá-la “não, vai tomar no c*, eu namoro” e quando a encontrei ela estava chorando desesperada porque um cara tinha passado e pegou no braço dela, chamou ela de gostosa e queria levá-la pra casa dele. Na hora eu fiquei meio, “vamos lá quebrar ele” [M1].

A violência de gênero é denotada nessas falas. As meninas participantes são jovens e mesmo assim já experienciaram diversos episódios tanto em casa quanto nos relacionamentos. É parte do cotidiano delas, pois está presente em toda a estrutura social.

No caso das participantes deste estudo percebe-se um olhar crítico pois têm acesso à informação e estão atentas às questões de gênero que perpassam suas realidades, no entanto, existe uma parcela da população sem esse acesso.

A escola é um espaço de socialização que corresponde a um poderoso instrumento de reprodução da estrutura socioeconômica e das desigualdades de gênero¹⁰. Essa socialização desigual orienta os indivíduos para um destino que supostamente já lhes havia sido reservado pela estrutura dominante, daí as vivências das meninas aparecerem permeadas pela violência desde cedo.

Elas não entendem por que isso acontece, não conseguem problematizar a partir da violência simbólica ou da cultura androcêntrica em razão da falta de informação e conhecimento, no entanto, vivenciam e identificam o fenômeno. Quando começam a participar ou ter acesso a espaços de debate sobre o tema, podem mobilizar um processo de reflexão e problematização a partir das situações cotidianas. No relato a seguir a participante fala sobre uma experiência de enfrentamento de uma situação de assédio testemunhada por ela.

Quando alguma mulher passa por isso eu também ajudo, uma vez tinha uma menina e ela estava com calça e blusa da escola, na calçada que ela estava tinha um bar, aí ela estava passando e os caras começaram a olhar, então fiquei olhando pra cara deles e perguntei se iam continuar olhando, eles ficaram sem graça e saíram, a menina

atravessou a rua, me agradeceu e eu perguntei se ela queria que eu a acompanhasse até algum lugar [F1].

Além de serem comuns no espaço público, essas situações também acontecem em relacionamentos e muitas meninas não têm agenciamento para reagir.

Só que as vezes não tem tipo, não é todo mundo que tem essa consciência. Tipo, você sabe disso, mas e uma pessoa que está num relacionamento abusivo? A pessoa que está ali as vezes ela acha que a pessoa está gostando dela então ele não vai terminar porque tipo ele gosta dela [F3].

Elas relatam também o entendimento de sororidade e da importância de apoiar essas mulheres

Eu estava voltando da escola e tinha um cara parado na frente de uma porta e ele tentou pegar no meu braço, e em relação a roupa não tem nada a ver, no dia estava frio eu estava de calça, moletom, não influencia o lugar que você tá indo ou a roupa que você tá. Teve um dia que eu passei e ele só me deu boa tarde e outro dia ele tentou agarrar o meu braço, fiquei em choque, tinha uma mulher atrás de mim e ela me ajudou [F1].

A sororidade pode ser definida como a ferramenta capaz de despertar e mobilizar ações políticas, tirando as mulheres do isolamento e possibilitando a sua união em prol dos objetivos feministas. É o sentimento de amizade, a empatia, a irmandade entre as mulheres.

Apesar do aparente senso crítico e da emancipação das participantes, a reprodução do machismo por causa da violência simbólica continua pois está impregnada no corpo e na alma das categorias dominadas, tecendo esquemas cognitivos que visam a reforçar a dominação⁷.

Tem aquele ciúmes saudável, que é mais uma preocupação [F4].

Depende muito de pessoa, o meu ciúme saudável pode ser diferente do de outra pessoa, algo que eu tolero e algo que a outra pessoa pode tolerar também, por isso que muitas vezes as vítimas não identificam um relacionamento abusivo, porque pra ela aquilo pode ser normal e para outras pessoas não é [F3].

A relativização do comportamento violento decorrente de ciúmes fica evidenciado em relação a comportamentos violentos no relacionamento⁸. Ao mesmo tempo em que nos discursos fica explicitado que não é aceitável, o que demonstra emancipação em relação a esse tipo de controle, nos exemplos e testemunhos o ciúme e o controle são relativizados.

O comportamento controlador é relatado tanto no contexto do namoro como após o término. A noção de posse dentro de um relacionamento, especialmente no que diz respeito ao homem em relação à mulher, é tão forte que os meninos continuam controlando as ex-namoradas. Ainda durante o namoro as ameaças acontecem.

Daquelas que “se um dia você terminar comigo e eu te ver com outro cara eu mato os dois”, esse tipo de coisa. Então eu cheguei um dia e falei “se você não consegue me respeitar e respeitar os meus gostos, você não merece ficar comigo”, e aí a gente terminou. Foi tranquilo só ficou algo chato depois porque fiquei ouvindo várias coisas, ele falando que iria mudar e que o namoro seria diferente, mas aí eu não voltei [F3].

Apesar de serem mais relatadas pelas meninas, acontece também por parte delas em relação aos namorados.

Meu irmão tinha uma namorada que era muito possessiva, ela não deixava ele fazer nada, ele perdeu uma oportunidade de fazer uma viagem de navio com a minha vó, ela ia pagar tudo e a namorada dele deu a louca e falou que ele não ia, que se ele fosse eles iriam terminar e ele acabou não indo. Ele tinha uma melhor amiga que se chamava Julia e ai a namorada dele falou que ia matar a amiga dele, que se um dia visse eles dois na rua, ela iria matar a menina, o corpo é fácil de enterrar, o corpo é pequeno e ai quando meu irmão terminou com ela, ela falou que estava grávida e que ele não podia terminar com ela e ela não estava grávida [F5].

Em ambos os casos a violência se apresenta de forma contundente. Ameaças de morte existem e nos depoimentos das/os participantes são dirigidas não somente ao parceiro, mas também ao invasor do relacionamento, seja durante ou após o mesmo.

No caso do depoimento apresentado a seguir, a pessoa envolvida na história relatada também se utilizou do expediente da chantagem por conta de uma suposta gravidez, como se isso

fosse uma ferramenta para manutenção da relação com o namorado.

O controle visa a dominar o parceiro, impedindo que ele tenha outras pessoas em seu ciclo de relações, como amigos e, em algumas das vezes, família. As/os participantes entendem que esse comportamento está ligado à insegurança e à falta de autoestima, não como um comportamento violento.

E ainda

A história é da minha melhor amiga e ela tinha um namorado. Ele era muito abusivo com ela, não *deixava ela* usar as roupas que ela queria, não deixava ela sair com a gente, tipo nada. Ele *fez ela* se afastar de todo mundo, ela só saía com ele, só via ele, era tudo pra ele. Na escola ele *fazia ela* ficar isolada e isso mexeu muito com a personalidade e auto estima dela tanto que até hoje ela tem problemas assim e depois de um tempo que a gente conseguiu conversar com ela e ela resolveu terminar, só que até hoje ele manda mensagem pra ela falando que ainda ama ela e tudo mais, que quer voltar com ela, uma coisa bem doentia [F2].

Eu já vivi, tipo, eu ter um rolê para sair com os meus amigos e a minha namorada falava que eu tinha que ficar com ela, porque se eu não ficasse com ela, ela se sentiria abandonada [M1].

Sim, a ex-namorada do meu namorado, quando os dois terminaram, começou a falar que ia se matar e que não aguentava mais, e mandou foto do braço dela todo cortado. A mãe dela começou a mandar mensagem pra ele, pedindo pra ele voltar e falando que ela estava trancada no quarto e que ninguém conseguia entrar, e ele falava que se ele voltasse pra ela seria algo ruim pra ele, porque ela traiu a confiança dele e que ele não poderia ajudar ela, que a família dela tinha que procurar um psicólogo, porque ele poderia atrapalhar. Passou uma semana e a menina estava bem [F2].

Eu ficava com um menino e um dia eu encontrei meu ex no caminho indo *pro* shopping. Eu não ficava mais com ele [com o menino] mas ele me viu andando com meu ex, só do lado, e tirou foto e mandou *pra* mim, falando: “nossa, 4 dias depois que a gente parou de ficar e você já está indo atrás de outro”. Eu falei: “a gente nem está junto e eu encontrei ele no caminho”. Ele falou “não interessa, você estava conversando com ele, eu tenho certeza, boa sorte pra vocês”. Aí eu *deixei ele* falando sozinho [F1].

Tanto nos depoimentos das meninas quanto dos meninos fica evidente a vivência dessas situações, algumas vezes sendo simultaneamente a vítima e o perpetrador, especialmente em se tratando de violência psicológica. Apesar de o discurso demonstrar entendimento sobre a noção desse tipo de violência, na prática essas atitudes são toleradas, naturalizadas e justificadas com outras razões que não a violência em si, mas como se fizessem parte dos relacionamentos. A violência física não foi reportada pelas/os participantes. Nenhum deles relatou casos acontecidos consigo, seja como perpetrador ou vítima, nem com pessoas próximas, mas apenas como exemplo da realidade vivida. Esses dados condizem com outros estudos

na área, uma vez que a violência física é bem menos reportada do que a violência verbal/emocional nessa fase da vida^{11, 12}.

Em estudo realizado na Espanha mais de 96% dos 567 adolescentes entre 15 e 19 anos participantes relataram ter sofrido violência verbal/emocional no relacionamento e 21,7% declararam sofrer violência física¹¹.

No Brasil, estudo realizado com 111 adolescentes apresenta números parecidos: quase 90% dos participantes declararam ter sofrido violência verbal/emocional e 22,5% declaram terem sofrido violência física¹².

Apesar de não relatarem experiências de violência física, demonstram conhecimento sobre o assunto e rechaçam-na.

Em mim dói porque aqui a gente estava encenando, mas isso acontece muito lá fora e eu paro para pensar. Eu choro muito fácil e quando eu olho essa cena paro pra pensar: quantas meninas foram mortas depois da balada? E isso é uma realidade, dói. Só pelo fato de você nascer mulher já te olham como um alvo fácil. Aí eu fico de coração partido. São situações que estamos encenando, mas e quem presencia isso mesmo? O namorado chegar xingando, apanhar em casa, é muito forte isso, em mim dói, eu olho e fico doída. [F1]

O feminicídio também é parte do repertório, bem como a crítica às justificativas pautadas nas concepções de gênero e na sociedade machista para sua legitimação

É isso que me deixa triste, a menina estava em balada na chácara e foi encontrada morta, “nossa, mas também onde ela estava, no meio do mato numa festa”, e qual o problema? [F1].

As/os participantes também demonstram conhecimento e criticidade sobre a violência sexual, mesmo aquela sutil. O entendimento sobre estupro, coação e chantagem por parte desse grupo ficou claro em diversas falas.

Tanto homem, quanto mulher [são coagidos pelo parceiro a transar]. Já ouvi relato de amiga minha que fez a primeira vez com o namorado porque viu que o namorado estava afim e pensou “ah, não tem problema” e acabou fazendo, mas fala que não se sentiu confortável na primeira vez e nem na segunda e nem na terceira, só que foi acostumando depois. Então eu acho que até é algo fácil de fazer [F2].

A vulnerabilidade a esse tipo de violência foi relacionada também ao desconhecimento e a falta de informação e diálogo com os pais ou com outros responsáveis.

[Na encenação da OTCE] A gente quis mostrar que o namorado é todo espertinho, e ela como é virgem, inocente ele conseguiu. E tem o problema também dos pais, como ela é inocente, não sabia de nada, se os pais tivessem conversado, o que era. Não só os pais, a escola também, seria interessante pra pessoa ter uma base, que a primeira vez engravida sim, pega doença sim, as pessoas seriam mais espertas. Eles fogem de falar com pessoas mais novas sobre sexo porque pensam que vão incentivar a fazer, mas na verdade eles estariam orientando para que a pessoa quando estiver na situação saiba como agir, ou então a pessoa vai ser inocente, quem é mais esperto vai conseguir mentir e vai tentar convencer [F1].

A violência sexual mais explícita, como o estupro, não foi relatada pelas/os participantes. Mas outras formas de abuso foram citadas, como o desrespeito na relação sexual.

Mas só porque eu não tenho camisinha você não vai querer transar? [F1]

O estupro é um tipo de violência comumente relacionado ao padrão de ser perpetrado por um desconhecido na rua. Atualmente, no entanto, a compreensão tem mudado e o estupro marital ou dentro de qualquer relacionamento passou a ser compreendido pela população com a gravidade que tem de fato.

As/os participantes demonstram também esse entendimento

Às vezes mesmo ela está consciente e aceita ir pro carro e eles começam a fazer alguma coisa. Mas qualquer coisa que ele fale e ela disser não, qualquer coisa depois disso é estupro. Não precisa ser só a relação sexual [F4].

Elas/es trouxeram ainda um outro tipo de violência bastante recente que vem sendo praticado: o envio de nudes como forma de constranger ou, ainda, a chantagem a partir da posse dessas imagens pessoais.

A prática de enviar nudes, ou fotos tiradas de si mesmas/os nuas, seminuas ou em outra situação íntima qualquer para ser compartilhada apenas com o parceiro íntimo é

recente e rapidamente virou um hábito comum entre os jovens. Elas/es afirmam que todos fazem.

O problema é que quando a relação acaba o parceiro que detém esse material pode compartilhar as fotos ou vídeos dos nudes recebidos como forma de revenge porn, ou pornô de vingança, com o intuito de constranger e se vingar.

No oitavo ano espalharam foto minha e eu não estava ligando porque eu estava de calcinha e sutiã, mas todo mundo fica olhando, falando, é muito desconfortável. Eu mandei uma foto *pro* menino que eu estava ficando e a melhor amiga dele era a minha melhor amiga também e ela que espalhou porque estava com ciúmes [F2].

Muitas das vezes a pessoa que compartilha o nude como forma de agressão sente-se orgulhoso do feito.

Na minha outra escola tinha muito de as pessoas falarem de alguém, tipo “ah, você viu o nude de não sei quem, ela está mandando pra todo mundo”. Antes a pessoa que espalhava ou contava vantagem ou negava e a pessoa da foto não falava nada e se sentia acanhada [F4].

A violência psicológica foi expressa pelas participantes com significados que se relacionam a ameaças e coação para a práticas sexuais, com ameaças de difamação, em caso de recusa da parceira.

Ameaçar, eu já vi muito relacionamento que falam “se você não fizer isso, eu vou contar pra alguém que você fez isso, eu conto pra todo mundo o que a gente fez”, ficar ameaçando ou brigando com a pessoa [F2].

O reconhecimento da violência patrimonial a partir da Lei Maria da Penha¹ é um grande avanço, uma vez que atitudes como quebrar coisas, rasgar ou queimar roupas, roubar as coisas pertencentes ao casal em uma separação, apropriar-se do salário ou rendimentos da mulher e, ainda, fazer empréstimos em seu nome passaram a ser enquadradas como crime.

Essa violência é reconhecida entre os jovens e foi citada na oficina.

Eu saí com uma amiga que era alguns anos mais nova que eu e ela tem um namorado que era mais velho. Ela tinha um cropped bem bonito e sempre usava, o namorado dela insistia que aquilo era um sutiã, só que aquilo nitidamente é um cropped. Em uma das discussões dele ele falou que se um dia ele terminasse iria pegar esse cropped, chamaria todos os amigos para um rolê e faria questão de cortar/rasgar esse cropped na frente de todo mundo, já que ela queria mostrar pra todo mundo [F4].

A fala remete ao controle e ao ciúme, mas aponta para o entendimento de que um objeto, por mais simples que seja, pode ser usado para a prática da violência, mesmo no âmbito apenas da ameaça. O que mais aparece nas falas e entendimentos das/os jovens participantes da oficina, no entanto, é a violência psicológica. Esse tipo de violência é extremamente invisibilizado, especialmente porque traz culpa. Na maioria das vezes começa como uma manipulação sutil, travestida de cuidado, atenção, amor e vai se intensificando à medida em que a vítima começa a se afastar de suas referências, como amigos e familiares.

Esse afastamento é importante para o agressor, pois sem rede de apoio a vítima passa a contar

apenas com o agressor por perto, agravando o problema.

Nascimento e Cordeiro apresentam as justificativas pelas quais as/os namoradas/os distanciam-se dos amigos e familiares em pesquisa sobre a VPI realizada com jovens em Recife¹³. No início, o distanciamento de dá em razão de ciúmes, mas com o passar do tempo a interferência de fora, especialmente quando a violência começa a tornar-se visível, começa a incomodar ambos os parceiros: tanto a vítima como o agressor.

Para a vítima, o distanciamento ocorre porque ela não quer ter que se justificar para os outros acerca da escolha de permanecer com o agressor, e, em razão da imposição do

agressor do distanciamento, aos poucos as pessoas deixam de procurá-la e tentar intervir. Para o agressor o isolamento é importante pois permite que tenha total controle sobre a vítima, já que esta não tem a quem recorrer¹³. Sem apoio e contando apenas com o parceiro, perpetrador da violência, por perto, a mulher em situação de violência vai perdendo a referência do que é normal e aceitável e cede cada vez mais às vontades do parceiro, deixando de

fazer coisas prazerosas, usar roupas de que gosta, muitas vezes forçando-se a emagrecer ou engordar, cortando cabelos ou fazendo cirurgias, e até mesmo largando seu trabalho para agradar ao parceiro, já que sente que a culpa é sua e que caso o perca não terá mais ninguém, uma vez que já se afastou de todos. As/os participantes apresentam senso crítico acerca desse fenômeno.

Tinha uma pessoa que eu gostava e ele gostava de mim também, mas a gente não tinha nada sério. Estava um gostando do outro, mas não passava disso. Um dia eu mandei pra ele foto da roupa que eu estava vestindo, ele ficou todo alteradinho falando que não queria que eu saísse com aquela roupa e eu ingênua fui lá e troquei, e em outro dia, eu estava conversando com um amigo meu e ele viu que eu estava conversando com alguém e pediu para eu mandar print de todas as conversas que já tive com esse amigo, e eu, ingênua de novo, fui e tirei print de toda a conversa pra mandar pra ele, porque ele queria saber de tudo e tinha aquele ciúmes possessivo [F2].

O relacionamento abusivo é um ciclo no qual as dinâmicas da relação do casal manifestam-se sistematicamente em três fases distintas, que variam em tempo e intensidade para o mesmo casal e entre diferentes casais. São elas: a “acumulação de tensão”; o “ataque violento”; e o “apaziguamento ou lua-de-mel”¹⁴. O ciclo repete-se constantemente e mantém a mulher dentro do relacionamento abusivo, pois

o início da relação afetiva sempre é a lua-de-mel, um relacionamento não começa com a violência. Dessa forma, quando, após a tensão e o ataque, o agressor pede desculpas e faz as pazes, a vítima acredita que o relacionamento voltará ao normal, à fase inicial em que as coisas estavam bem, o que faz que o ciclo se repita constantemente.

Conclusão

O uso de uma ferramenta que promove a discussão sem julgamentos e sem intervenções por parte do pesquisador mostrou-se eficaz no sentido de fazer os jovens se abrirem e falarem sobre o que pensam e sobre suas experiências com sinceridade e abertura, objetivo principal da aplicação da OTCE. Foi possível obter resultados importantes que podem ser utilizados em diversos outros estudos.

As falas dos jovens mostraram que os estereótipos de gênero estão presentes em suas realidades e em suas vidas familiares, na escola, na rua, com seus amigos, e eles os veem sendo reproduzidos os tempo todo, além de as meninas serem vítimas e presenciarem outras meninas serem vítimas também.

No entanto, a partir da aplicação da OTCE, foi possível atingir o objetivo de fazê-los de abrirem e compartilharem suas experiências, discutirem os impactos da violência em suas vidas e na sociedade e refletirem sobre os tipos de violência vividas. A oficina mostrou-se uma experiência útil também no sentido de estimular que eles repliquem a experiência e levem para frente a experiência que tiveram, intervindo quando presenciarem uma situação de violência de forma a contribuir com a mudança na realidade.

Referências

1. BRASIL. Lei nº.11.340 de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em 30 ago. 2022.
2. Leitão MN da C, Fernandes MID, Fabião JA da SA da O, Sá M da CGMA de; Veríssimo CMF, Dixe M dos ACR. Prevenir a Violência no Namoro. N(amor)o (im)perfeito – Fazer diferente para fazer a diferença. Coimbra: Escola Superior de Enfermagem, 2013. 148 p. Disponível em https://web.esenfc.pt/v02/pa/conteudos/downloadArtigo.php?id_ficheiro=555&codigo=. Acesso em 30 ago. 2022.
3. ONU. 2017. Assembleia Geral das Nações Unidas. Disponível em <https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Opinion/Legislation/OLBrazilEducation.pdf>. Acesso em 02 nov. 2019.
4. Fonseca RMGS da; Oliveira RNG de; Fornari L. Prática educativa em direitos sexuais e reprodutivos: A Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória de gênero. PROENF – Atenção primária e saúde da família, 2018;6(1):59–120.

5. Lourenço RG, Fonseca RMGS da. Construction of an intervention proposal to address the intimate partner violence among adolescents in Brazil. In: Abstracts Book of 4th World Conference on Qualitative Research [Internet]. 4th World Conference on Qualitative Research; 2019. Disponível em <https://www.proceedings.wcqr.info/index.php/wcqr2019/article/view/237>. Acesso em 30 ago. 2022.
6. Minayo MC de S, Assis SG, Souza ER de (org). Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2016. 255 p.
7. Saffioti H. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu (Campinas). 2001;16:115–36. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>. Acesso em 30 ago. 2022.
8. Costa N, Gomes H, Almeida T, Pinheiro RS, Almeida C, Gondim L, et al. Violence against women: Can “jealousy” mitigate the significance of violence? Estudos de Psicologia (Campinas). 2016 Sep;33(3):525–33. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Y9mYzYRnTRJDcQjDgjJyqXb/?lang=en>. Acesso em 30 ago. 2022.
9. Bourdieu P. A dominação masculina: A condição feminina e a violência simbólica. São Paulo: Bestbolso, 2014. 208 p.
10. Minayo MC de S, Assis SG, Njaine K. (Org.) Amor e violência: um pradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros. Rio De Janeiro: Fiocruz, 2011. 238 p.
11. Fernández-Fuertes AA, Fuertes A. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: Motives and consequences. Child Abuse & Neglect. 2010 Mar;34(3):183–91. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213410000359>. Acesso em 30 ago. 2022.
12. Brancaglioni B de CA, Fonseca RMGS da. Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. Revista Brasileira de Enfermagem. 2016 Oct;69(5):946–55. Disponível em <https://bit.ly/2WYnO9X>. Acesso em 30 ago. 2022.
13. Nascimento FS, Cordeiro R de LM. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. Psicologia & Sociedade [Internet]. 2011 Dec [cited 2021 Sep 28];23(3):516–25. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000300009>. Acesso em 30 ago. 2022
14. Walker L. The Battered Woman Syndrome. New York: Springer, 1999. 338 p.